

OUTROS ESCRITOS

A escolha de Manoel

Enquanto todos celebram as marcas de grandeza e os traços de nobreza, o poeta mato-grossense preferiu as cicatrizes quase imperceptíveis do menor. Por **José Castello**, para o Valor

O poeta Manoel de Barros é um homem de escolhas radicais. Sitou-se, sempre, à borda do mundo. Enquanto todos querem ser "grandes", escolheu ser pequeno. Enquanto todos celebram as marcas de grandeza e os traços de nobreza, preferiu as cicatrizes quase imperceptíveis do menor. Manoel fez, desde cedo, uma escolha contra o mundo do êxito e do sucesso, que terminou por ser uma escolha da poesia. Sua obra é testemunho disso. Sua obra é essa escolha.

Apego-me aos primeiros versos, origem de sua grande poesia. Com o poema "Eu Não Vou Perturbar a Paz", ela se abre com um elogio da solidão. Um homem está sozinho em seu banco de praça. O poeta sente vontade de se aproximar dele. "Se eu me sentasse a seu lado/ Saberia de seus mistérios", pensa este Eu Lírico sob o qual Manoel de Barros, mal e mal, se esconde. "Mas, ah!, eu não vou perturbar a paz que cle depis na praça, quieto." Respeito não só pela solidão, mas pelas escolhas individuais que, no silêncio, se mantêm em segredo. Respeito pelo segredo como campo mais fértil do mundo subjetivo.

Mais à frente, em "Uns Homens Estão Silenciosos", o poeta fala da espera inútil do "grande acontecimento". Não há grande acontecimento, mas apenas uma tempestade intensa de frágeis acontecimentos que, somados, formam aquilo que chamamos de vida. "São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos", escreve. Os homens estão esperando aquilo que não chegará. "Ah, mas como eles entendem as verdades! De seus infinitos segundos", constata, perplexo, o poeta. Não se pega um segundo — um segundo vem e nos atravessa e já se foi. E ali, pensa Manoel, no que nos escapa, que devemos procurar a verdade.

Em "Singular, tão Singular", o poeta constata que é melhor "ir recebendo um pouco de poesia no peito; sem lembranças do mundo, sem começo... Nada fechar. Nada concluir. Nada de definitivo esperar, mas permanecer "na nossa vida fresca e incompreensível". Onde se refugia então Manoel? Na infância, isto é, na origem. Em "Incidente na Praia", ele es-

creve: "É um menino que atravessava a infância de automóvel, no asfalto". A infância não como um tempo, mas como um lugar. Lugar no qual, ao longo de toda sua obra, Manoel de Barros insiste em habitar.

Já descreveu seu método de trabalho. Sempre o mesmo. Toda manhã, tranca-se no escritório de sua casa em Campo Grande (MS). Passa a chave na porta. Até o meio-dia, ninguém pode importuná-lo, seja para o que for. Nada é mais grave que a poesia. E o que faz Manoel ali trancado? "Qualquer acontecimento, por mais grave que seja, só me avisem quando eu destrancar a porta", diz à família. No escritório, não encontramos arquivos ou uma farta biblioteca. Tem uma mesa grande, mesa de escrita, coberta de inesperadas miniaturas e de brinquedos. O que fazem ali?

Manoel passa a manhã a brincar. Mexe aqui, remexe ali, até que, subitamente, um verso lhe vem e ele o anota. Depois, retorna a seus brinquedos. É do brincar que a poesia surge, não de alguma solene introspecção. Ali, entre brinquedos, "por acaso", o verso despenca e ele o colhe. Como um menino que, entre seus carrinhos, fabrica devaneios.

Está em "Zona Hermética", outro poema antigo — é bom aqui que nos apeguemos às origens — que vale também recordar. Está tudo dito: "De repente, intoumetem-se uns nacos de sonhos! ...! O poeta! Procura compor esse inconsútil jorro! Arrumá-lo num poema, e o faz". O que mais fazem as crianças com seus brinquedos senão devanear e sonhar? É como um menino que brinca que Manoel de Barros escreve. Esse personagem menino que ele incorpora para escrever — esse Eu Lírico de calças curtas —, só ele consegue chegar ao coração primário das coisas.

Gosta de escrever suas cartas em papel pobre, de pão, em letras simples, em garranchos — como quem está aprendendo a escrever. O homem Manoel de Barros vive em uma casa confortável, tem belos objetos de arte, veste-se com elegância. O poeta, não; podemos imaginá-lo de pés descalços, sentado na soleira da porta, entre vira-latas e galinhas, a tomar notas em algum pedaço solto de papel com um lápis escolar. Qual é o verdadeiro Ma-

noel? A pergunta talvez não seja essa. Há um Manoel "comum", externo, social; e um Manoel íntimo, secreto, poeta. Direito e avesso do mesmo homem. Mas não tenham dúvidas: quem manda é o poeta.

Em um de seus primeiros livros, "Compêndio para Uso dos Pássaros", de 1960 — leia a "Poesia Completa" editada pela LeYa —, encontro muitas outras pistas dessa dupla condição. Escolha firme, de quem recusa contentar-se com as regras da vida social e exige mais de si, exige poesia. O livro se abre com uma epígrafe tomada de João Guimarães Rosa: "O vaqueiro Abel: não-entender, não-entender, até se virar menino". As coisas se passam, portanto, em uma direção incomum: não é o homem que sai do menino, mas o menino que sai do homem.

Em "Experimentando a Manhã nos Galos", ele escreve: "...poemas, a poesia é/ — é como a boca/ dos ventos/ na harpa/ (...)/ raiz entrando/ em orvalhos.../ os silêncios sem poro". Poesia é impossibilidade. Ou melhor: possibilidades que ultrapassam nosso bom senso e nossa boa razão. O que não entendemos (Rosa) é poesia. Por quê? Porque nos transforma em meninos e nos leva de volta às origens.

A poesia explode nossa noção "adulta" de linguagem. "Cigarra que estoura o crepúsculo" que a contém". Que ultrapassa a gramática — o menino ainda analfabeto. Que ultrapassa a razão. Colocados à entrada de outro poema, versos de Jorge de Lima ajudam a pensar: "Porquanto/ como conhecer as coisas senão sendo-as?"

Estive uma única vez com Manoel de Barros. Nosso encontro foi precedido por uma troca de correspondência tradicional. As cartas de Manoel vinham no mesmo papel de pão, adornado com garranchos miúdos. Logo elas me autorizaram a imaginar um homem simples, de calças sujas arregaçadas até os joelhos, talvez um chapéu de palha, talvez os pés no chão.

Fui a Campo Grande e, para minha surpresa, encontrei um homem elegante, com camisa de seda, calça social e sapatos lustrados. Custei a crer que estava diante do Manoel verdadeiro. Depois, me veio a dúvida: qual era o verdadeiro Manoel? Tive que ad-



mitir que era alguém que se espremia entre eles. Quem se escondia naquela fenda? O poeta certamente. Resultado do retorno deliberado de um homem às suas origens mais remotas.

No mesmo livro surge a ideia da poesia como inutilidade. Para que serve a poesia? Para nada. Várias imagens nos ajudam. "Como um garfo esquecido na areia" — como algo perdido, ele escreve. "Como um bule sem boca" — como algo sem nenhuma praticidade. Avança mais: "Ser como as coisas que não têm boca! Comunicando-se apenas por infusão/ por aderências/ por incrustações... Ser bichos, crianças/ folhas secas". O poeta não se comunica diretamente com o poema. O poema não é um evento da razão, mas da desrazão. Há um aspecto sen-

sitivo que prepondera. A poesia não algo que se faz, mas algo que se sente. Diz: "Ser como a fruta na terra, entregue/ aos objetos...". É quase assim: poesia não pertence

Está na "Gramma Chão", livro de 1970. Como diz, um dos pontos "para conhecer o poeta não se eleva engrandece, mas Manoel nos mostra o artista quando coito de sua poesia. I a poesia é, ela tam mo ele nos diz. O trastes, restos, cois isso, talvez, a poe algum. Não se m